

Livro de Poesias:

Sutilezas e malevolências

Alexandre Saro

Para todos que se questionam,
precisam de um refúgio e sentem saudades

Agradecimentos Especiais:

Prefeitura de Jundiaí

Lei Emergencial Aldir Blanc

Sumário

- 05 – Preciosidade
- 06 – Geminus
- 07 – Relatividade
- 08 – Amante
- 09 – Espelhos
- 10 – O preço
- 11 – Abolição e Anistia
- 12 – Migalhas
- 13 – A arte da atecnia
- 14 – O preço
- 15 – A vida
- 16 – Atividade
- 17 – Uma das sete
- 18 – Verdades
- 19 – Sangue
- 20 – Humildade

- 21 – Caos sereno
- 22 – Encantamento
- 23 – Infância
- 24 – Lar
- 25 – Suor e fé
- 26 – Sustento
- 27 – Casa
- 28 – Enlace
- 29 – Sublime
- 30 – Mulher
- 31 – Amor
- 32 – Mãe
- 33 – Remendos
- 34 – Mudanças
- 35 – A canção
- 36 – Singelo

- 37 – In-verso
- 38 – Ausência
- 39 – Nostalgia
- 40 – Saudade
- 41 – Tempestade
- 42 – Marcas
- 43 – Eterno
- 44 – Gestos e palavras
- 45 – Ato 1
- 46 – Ciclo da vida
- 47 – Adeus
- 48 – Avó
- 49 – Memórias
- 50 – Casa de repouso
- 51 – A música pela metade
- 52 – Fascínio
- 53 – Chuva de verão

Existencialismo

Refúgio

Saudades

Preciosidade

Sou como a areia do tempo

Na ampulheta da imensidão

Sou um nada indiferente

Um tudo sem servidão

Geminus

O meu eu

Tem muitas personalidades

Todas verdadeiras

Nenhuma de verdade

Relatividade

Os insetos

São atraídos pela luz

Os morcegos, pela escuridão

A uns, a luz cega

A outros, dá a visão

Amante

A vela queima serena

Sacrifica-se sozinha

É a chama que pode destruir uma casa

Ou apagar-se com uma brisa

Espelhos

Se você se olhasse
através de outros olhos

Percebesse sua cara
Sua risada sacárstica

Sua disponibilidade

Seu desinteresse

Suas intenção

Seu siso

Manteria sua postura?

Manteria seu sorriso?

O preço

Um pássaro
carente de plateia
anseia
por gaiola

Abolição e anistia

Vivemos com olhares do descaso

Temores entre as cores frias

Naufragando em leis obsoletas

Mascarando os chicotes da heresia

Migalhas

Numa gaiola aberta

Sempre há

Quem é preso por vontade

E liberto por obrigação

As migalhas na gaiola

Prende mais que a imensidão

A arte da atecnia

Sou os aplausos das cadeiras vazias

O trecho que não compõe a cena

Sou a arte da atecnia

Nas entrelinhas deste poema

O preço

Para um chifre sem maldade

Sobra um anjo sem aréola

Uma areia numa ostra

É o preço de uma pérola

A vida

Quando não um mar de erros

Um rio doce de ilusão

Salvo metas inatingíveis

Somos sonhos em erupção

Atividade

Um sentimento sem sentido

Quando nuvens passageiras

São passagens sem certezas

Em vulcões nunca extintos

Uma de sete

A inveja é por si só a pior, irradia
De onde menos se espera, cobiça
do amigo disfarçado de verdades
e verdades em formas de mentiras

Verdades

Se eu falo com as paredes

É por saber que elas têm ouvidos

Sangue

Sangra o cálice de vinho

Embriagado pela poesia

Que dionísio brindou a mim

Com amor – numa taça vazia

Humildade

Quando quiser falar, cala-se

Quando quiser brigar, acalma-se

E assim como o mar

Quando quiser invadir, afaste-se

Refúgio

Caos sereno

O abraço do amor

Em braços de ternura

Quando tudo era caos

Abrandou-se em bagunça

Encantamento

Nas lágrimas das nuvens

Faz chover o eu criança

No cheiro de terra molhada

Que ainda me encanta

Infância

Dias de chuva, stop

Dias de sol, alegria

Pega-pega e esconde-esconde

Cores juntas na amarelinha

Pipas pelo ar

Bolinhas de gude ao chão

Peões - crianças – a rodopiar

Estátua, polícia e ladrão

Lar

Os primeiros raios de sol

O milagre puro da vida

No sorriso sincero ao lado

Nascia o verdadeiro "*Bom dia*"

Suor e fé

Não era parede, era proteção

Não era tinta, era alegria

Não era arquitetura, era paixão

Nem coincidência, era sintonia

Sustento

Mais do que cozinha, é alimento

Mais do que adega, é prazer

Mais do que luz, é iluminar

Nem mesmo a sorte, é o querer

Casa

Em cada cor, uma verdade

Em cada vinho, uma história

Há futuro em nossas vidas

Em cada luta, uma vitória

Enlace

Nas paredes da proteção

Sob os telhados do afeto

Há amor em nosso canto

E verdade em nossos elos

Sublime

Se a prosa refuta
Que a poesia consagre
O que chamam de Big Bang
Eu chamo de milagre

Mulher

Que seja verdadeiro

O amor ou a amizade

Que acabe todo o machismo

E prevaleça a igualdade

Amor

Amor não é sorriso coerente

É risada escrachada – sem pudor

É aceitar defeitos com ardor

A força na fraqueza que se sente

Mãe

Sempre se desfez o medo em teus braços

Quando triste, em teu carinho, eu deleito

Qual me mostra a luz dum amor-perfeito

Que cabe o mundo todo num abraço

Remendos

Remendos e retalhos

Traz à vida novas formas

Na costura dos defeitos

Sou o mesmo de outrora

Nos buracos de Minh' alma

Um trapo velho esquecido

Costurado pelo tempo

Fez-se novo o tecido

Mudanças

O sereno
das incertezas
Evapora-se
com o sol
das convicções

A canção

Uma canção amena – tola

Que traga paz e guerra

Em acordes dissonantes

Na simplicidade, fez-se eterna

Singelo

Ela me amou

Sem nada esperar

Agora sei

Que não era sobre o amor

Era sobre amar

In-verso

Há fogos que queimam

Outros que aquecem

Assim como a ausência

Quando muito se esquece

Ausência

A resposta não dada

Falava nada do muito

Por sua vez, quando calava

O silêncio dizia tudo

Nostalgia

Uma chuva de verão

Terra, água e lama

Impedido de brincar

Um adulto sem infância

Saudade

Prefiro a dor à mentira do desapego
Em tempos de descaso, ainda me encanto
Sorrio o fim, mas não recuso o pranto
Do que era amor, ficou o desalento

Tempestades

As primeiras gotas de chuva

Na tempestade escondida

De quando nossa casa era um lar

E nossas vidas uma família

Marcas

A roupa

Antes suja de alegria

Agora

Limpas de tristeza

Eterno

Será que não perco as esperanças

do adulto que precoce

da infância que extinta

O início posto fim

na morte das lembranças

da criança ainda em mim

Gestos e palavras

O jardineiro da ilusão

Cuidava da planta com palavras

Ela tem a chuva – dizia ele

Entretanto a amava

Viu as sementes sendo levadas

Aos cuidados de outro jardim

Que na seca do amor, secou-se

Para renascer longe de si

Ato I

O palco

Do personagem narcisista

Quão longe do espetáculo

Fez-se ídolo

Fez-se “artista”

Sob os aplausos passageiros

E holofotes ilusórios

Fama, ego e autógrafos.

Na luz que ilumina a vaidade

Quando o “eu” é maior do que a arte

As luzes se apagam

Ciclo da vida

No princípio da finitude

Na eternidade dividida

O acaso traça a sorte

E a morte alimenta a vida

Adeus

Um abraço apertado

Uma despedida demorada

Entregue à partida

Esperando a chegada

Avó

Entre novelas e novelos

Avó

Tricotando o frio

Desatando o nó

Um fio emaranhado

Na trama; o desfecho

Na vida; o conflito

Enquanto juntas; chora só

Memórias

No asilo do esquecimento

Repousa uma jovem senhora

Confusa nas lembranças

Esquecida no eu agora

Quando tudo se faz novo

Confundem-se as histórias

Casa de repouso

Filha, estou surda e confusa

Estou a sorrir e a chorar

Filha, fale mais alto

Mas não precisa gritar

A música pela metade

O timbre de voz ausente

Do pai que antes presente

Agora... emudece em saudade

Longe de meus ouvidos

Pulsando em outras frequências

Diante do violão empoeirado

Fascínio

Há em mim um encanto eterno
pelo pôr-do-sol e pelas estrelas

Pelo infinito que traz o céu

Nunca foi apenas pela beleza

Chuva de verão

O amor dantes chama

Preso em si esquece

Quando não mais ama

Permanece – solitário

Calmo, mudo, parado

E, assim, adormecido

Queima a esperança

Por nunca haver amado